

QUANDO O CORPO NÃO ESQUECE: A ABORDAGEM LACANIANA DO FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO

Alguns sintomas físicos aparecem e somem sem aviso, sem causa clara e às vezes sem deixar vestígios. Uma dor que ninguém consegue explicar. Uma mancha que surge e desaparece. Uma inflamação que volta em momentos inesperados. Muitos desses sintomas passam por exames, médicos e tratamentos — mas continuam ali, voltando quando menos se espera.

Essas manifestações não seguem os padrões habituais da medicina. E é justamente por isso que despertam interesse da psicanálise. Aqui, não se trata de dizer que “é só emocional”. O que está em jogo é outra coisa: a forma como, em certos casos, o corpo se torna o único lugar possível para registrar algo que não encontrou outro caminho.

Quando o sintoma aparece, mas não se explica

Muitas vezes, sintomas físicos estão ligados a questões emocionais, e com o tempo conseguimos associá-los a vivências, sentimentos não expressos ou conflitos. Mas há casos em que isso não acontece. O sintoma surge. Está ali, incomodando. Mas a pessoa não sabe o porquê. Não associa a nenhuma situação. E, mesmo assim, o corpo continua reagindo. É como se tivesse registrado algo que nunca encontrou palavras — e que, por isso, permanece como presença, sem se transformar em lembrança. Esses são os chamados **fenômenos psicossomáticos**.

O que é um fenômeno psicossomático?

Na medicina, essas manifestações são difíceis de classificar. Têm causas incertas, lesões reais, mas evolução imprevisível. Aparecem e desaparecem sem padrão. Podem ser condições como **colite ulcerativa, vitiligo, asma, dermatites**, entre outras. Na psicanálise, o foco não está em buscar explicações emocionais ou sentidos ocultos. O que se observa nesses casos é que o corpo parece registrar algo que não encontrou outra via de expressão.

Diferente de outros sintomas, os fenômenos psicossomáticos não carregam um “recado” a ser compreendido. Eles não dizem algo “sobre” alguma coisa. Eles apenas estão. Aparecem. E às vezes somem. É por isso que são tão difíceis de tratar — e, muitas vezes, de suportar.

O corpo como lugar de inscrição

Imagine que algo vivido de forma intensa, mas que não pôde ser elaborado, tenha ficado “sem lugar”. Sem por onde passar, acaba se registrando diretamente no corpo. Não como lembrança. Não como história. Mas como marca — um traço que persiste. Essa marca, no entanto, não se transforma em fala. Não entra numa narrativa. Fica ali, como presença insistente. Isso pode explicar por que os fenômenos psicossomáticos muitas vezes surgem em surtos: vêm, vão, retornam — sem aviso, sem lógica.

O que a psicanálise faz com isso?

A psicanálise, especialmente a partir das ideias de **Jacques Lacan**, propõe uma escuta

diferente. Não busca interpretar o fenômeno como metáfora, nem oferecer explicações fechadas. O que se constrói é um espaço onde o sujeito possa se aproximar dessa experiência, mesmo sem saber do que exatamente se trata. Em vez de tentar decifrar, o analista sustenta o enigma. E é nesse movimento que, aos poucos, a pessoa pode encontrar outras formas de lidar com o que vive — e o corpo pode não precisar mais carregar isso sozinho.

Se não é esquecido, também não pode ser lembrado

Talvez a melhor forma de falar sobre o fenômeno psicossomático seja assim: **não é uma lembrança, mas também nunca foi esquecido**. Não é um trauma negado ou recalcado, mas algo que nunca chegou a ser simbolizado. Por isso, está sempre presente. Atual. Corporal. Uma marca silenciosa, que não se dissolve com o tempo.

Cada corpo é único. Cada história, também.

Na clínica, observamos que não há padrão para esses fenômenos. O mesmo sintoma pode estar ligado a histórias completamente diferentes em duas pessoas distintas. Por isso, não existem fórmulas ou respostas prontas.

O que a psicanálise oferece é **uma escuta singular**, atenta à forma como cada sujeito constrói sua relação com o próprio corpo — com o que sente, com o que carrega, com o que suporta sem saber exatamente o quê.

Um convite ao cuidado

Se você convive com um fenômeno que ninguém consegue encontrar a causa, talvez seja o momento de buscar outro tipo de ajuda. Não se trata de encontrar uma causa escondida ou explicações imediatas. Mas de oferecer um espaço onde seja possível construir alguma relação com essa marca — e, quem sabe, permitir que algo mude.

Ricardo Brandel Junior
Psicólogo Clínico | Lacaniano
CRP 06/182188